

## Editorial

# Mortalidade máxima, mortalidade mínima



*Marco Antonio Guimarães da Silva  
marco@atlanticaedu.com.br*

Percam as esperanças os que imaginam que, à luz do título escolhido para este editorial, escreverei sobre temas relacionados à epidemiologia ou coisas afins. Talvez não os decepcionasse, se falasse sobre os efeitos causais e distribuições de frequência das mortalidades; afinal, lecionei epidemiologia por vários anos em curso de mestrado. Mas não fugirei à regra que impus aos mais de 50 editoriais que escrevi para essa revista. Parto, portanto, para as costumeiras digressões.

Dois mil seiscentos e sessenta e seis é o último romance do escritor chileno Roberto Bolaño, morto, prematuramente, de insuficiência hepática em 2003. A obra de quase mil páginas tem me levado, de tão interessante, a ultrapassar a média de tempo que dedico diariamente à leitura. É em uma passagem dela que encontro o que preciso para escrever esse editorial.

Logo no início, há a descrição de uma cena de violência perpetrada por dois professores, um espanhol e um francês. Com o pretexto de defender a honra de uma colega da Inglaterra que os acompanhava no carro, quase matam, a socos e pontapés, o motorista de táxi que os conduzia, autor das ofensas à citada colega dos dois.

O que segue ao fato são períodos de grandes arrependimentos, de choro e de culpas. Certa noite, em conversa telefônica, trataram de se reconfortar e de lamentar, mais uma vez, o incidente. Entretanto, àquela altura, no íntimo, estavam convencidos de que o verdadeiro culpado havia sido o motorista de táxi. As ofensas ditas por quem os conduzia foram suficientes para justificar os atos de barbárie que cometeram e, se naquele momento, o tal motorista aparecesse diante dos dois, estavam certos de que completariam o trabalho e o matariam.

Gostaria de tornar-me um personagem de Bolaño e travar um diálogo com os dois professores para saber o que pensam da morte. É possível que me dissessem que, no contexto geral do universo, a extinção é consubstancial com o real e que se encontra em todas as partes. Que essa morte viria, mais cedo ou mais tarde, para todos. Contudo, justifica-se antecipá-la em outrem só por uma ofensa? Contraporia eu. C'est la vie! Ou melhor C'est la mort! Diria o personagem francês.

Acho que meus interlocutores ficariam em apuros. Não encontrariam amparo para me responder; reduzissem a realidade a um plano natural (cientificismo) ou reduzissem essa mesma realidade ao plano lógico (idealismo). E como enfrentariam as suas próprias mortes?

Foi exatamente essa a pergunta que me fiz ao assistir a entrevistas dos dirigentes máximos de Israel, em que justificavam o episódio do assalto, por tropas israelenses, em águas internacionais, aos navios de bandeira turca que pretendiam levar ajuda humanitária para a população da faixa de Gaza. A operação resultou em mais de uma dezena de mortos e outras tantas de feridos. Lamentamos o episódio, mas faríamos tudo de novo, declararam os governantes. Se houve culpados, eles estão nos navios que ousaram desobedecer as ordens de deixar à mingua a população civil da faixa de Gaza.

Tanto os professores, personagens de Bolaño, como os responsáveis pelo desatinado assalto parecem seguir a máxima: "Olhamos a morte dos outros como uma mortalidade mínima; a nossa própria morte, no entanto, a miramos como uma mortalidade máxima."